**João XXIII e Paulo VI diante do Ecumenismo: Um ministério voltado para a reconciliação**

**John XXIII and Paul VI before Ecumenism: A ministry focused on reconciliation.**

**Resumo:** A história do Ecumenismo dentro da Igreja católica conta com vários nomes. Pessoas assumiram na vida a busca pela Unidade Cristã, superando os ódios, rancores e divisões violentas. Nessa caminhada ecumênica, não se pode deixar de fora o próprio Concílio Vaticano II, como também as duas grandes personagens dele: Ângelo Giuseppe Roncalli, que assumiu o nome de João XXIII (1881-1963), e Giovanni Battista Montini, que, depois de eleito, passou a ser chamado de Paulo VI (1897-1978). Ambos os papas, agora canonizados, trabalharam incansavelmente para que a Igreja, antes, durante e depois do Concílio, tivesse de fato entrado num verdadeiro *aggionarmento*, de modo especial no campo do Ecumenismo.

**Palavras Chave:** João XXIII. Paulo VI. Vaticano II. Ecumenismo. Comunhão.

**Abstract:** The History of Ecumenism within the Catholic Church features several names. People who assumed in their lives the pursuit of Christian Unity, overcoming hatred, resentment and violent divisions. In this journey, we cannot put aside the Second Vatican Council itself, as well as its two great personalities: Angelo Giuseppe Roncalli, who took the name of John XXIII (1881-1963), and Giovanni Battista Montini, who became known as Paul VI (1897-1978). Both popes, now canonized, worked tirelessly for a real commitment of the Church to the *aggiornamento*, before, during and after the Council, especially in the field of Ecumenism.

**Keywords:** John XXIII. Paul VI. Vatican II. Ecumenism. Communion.

**Introdução**

Esta reflexão parte da certeza de que a eficácia da evangelização, como instrumento para uma sociedade mais justa e fraterna, depende do caminho já traçado e dos contínuos esforços ecumênicos para uma unidade entre as Igrejas que seja visível para o mundo; e assim cada Igreja na sua particularidade, unida às demais, seja instrumento de paz.

Para isso se concretizar é preciso que as feridas do passado, quando o outro era visto como inimigo a ser combatido, humilhado e até morto, sejam curadas por meio de um bonito processo de perdão mútuo. Ao mesmo tempo, é de suma importância que ambos os lados abram mão da apologética que tudo condena e que não dialoga com o diferente.

Pensando no Ecumenismo como parte fundamental da vida da própria Igreja Católica, esta reflexão apresentará, de modo sucinto, as duas grandes figuras que marcaram todo o processo do Concílio do Vaticano II e deixaram seus nomes nos anais da história. De uma história cristã não mais marcada por guerras, anátemas e fechada em si, mas por uma Igreja aberta ao diálogo e a fraternidade, numa busca conjunta pela Unidade desejada por Jesus. São elas: João XXIII e Paulo VI.

Angelo Roncalli, que depois ficou conhecido como João XXIII, antes mesmo de assumir a Sede de Roma, já tinha feito uma forte experiência e um bonito trabalho com os irmãos ortodoxos e até mesmo com os muçulmanos.

Quando foi eleito Papa, tratou logo de semear a ideia e, posteriormente, anunciou a realização de um Concílio que não seria para condenar o mundo e os cristãos de outras denominações, mas sim uma Assembleia capaz de renovar de dentro para fora, ou seja, de vislumbrar novos caminhos para a Igreja, resgatando sua própria identidade e missão no mundo. Embora tenha sido escolhido apenas como um Papa de transição e tenha tido um pontificado curto, Ângelo Roncalli movimentou a Igreja, chamando-a para um verdadeiro *aggionarmento*, de modo especial, no campo do Ecumenismo.

Com a morte de João XXIII, o Conclave escolheu o cardeal Giovanni Battista Montini, que assumiu a sede petrina com o nome de Paulo VI. Umas das suas primeiras atitudes foi anunciar a retomada do Concílio, criando também um secretariado para as religiões não cristãs. Foi durante seu pontificado que o Santo Sínodo colocou, para definitiva aprovação papal, o decreto *Unitatis Redintegratio,* sobre o Ecumenismo.

A grande imagem ecumênica, como fruto do próprio Concílio e da abertura de Paulo VI, se deu em 1965, quando em Roma, foi lida, ao mesmo tempo que em Istambul, a declaração que colocava o fim nas excomunhões mútuas ocorridas no Cismo do Oriente. Paulo VI morreu em 6 de agosto de 1978, deixando um grande legado para a Igreja.

Ambos os personagens do Vaticano II, João XXIII e Paulo VI, foram, em ocasiões diferentes, canonizados pelo Papa Francisco, colocando-os não apenas como modelos, sobretudo reconhecendo o que eles fizeram na vida da Igreja e como eles a abriram para o respeito, o diálogo e a fraternidade com os irmãos e irmãs de outras denominações religiosas.

1. **O Papa Bom**

Nascido no dia 25 de novembro de 1881, numa família de camponeses simples no norte da Itália, Angelo Giuseppe Roncalli entrou no seminário de Bérgamo, onde em 1896 foi aceito na Ordem Franciscana Secular.

Foi o quarto de treze irmãos, nascidos numa família de camponeses e de tipo patriarcal. Ao seu tio Xavier, ele mesmo atribuirá a sua primeira e fundamental formação religiosa. O clima religioso da família e a fervorosa vida paroquial foram a primeira escola de vida cristã, que marcou a sua fisionomia espiritual[[1]](#footnote-1).

No dia 10 de agosto de 1904, foi ordenado sacerdote em Roma, tornando-se, já no ano posterior, secretário do recém nomeado bispo de Bérgamo. Nessa função teve oportunidade de redigir documentos, conhecer obras sociais, de atuar diretamente em boletins diocesanos. Ainda na primeira fase de sua vida, vale lembrar que o padre Ângelo foi convocado para a guerra:

[...]; pois, nos anos de seminarista em Roma, havia prestado um ano de serviço militar. Roncalli foi convocado como sargento sanitário e nomeado capelão militar dos soldados feridos que regressavam da linha de combate, quando a Itália, após o Tratado de Londres (26/04/1915) renunciou ao acordo com a Tríplice Aliança, entrando na guerra[[2]](#footnote-2).

Em 1921 foi chamado a Roma e nomeado por Bento XV, para a presidência nacional do Conselho das Obras Pontifícias para a Propagação da Fé. Já no pontificado de Pio XI, em 1925, Roncalli foi elevado ao episcopado e tornou-se Visitador Apostólico para a Bulgária.

Quando ainda era visitador apostólico na Bulgária, Angelo Roncalli (futuro João XXIII) teve a oportunidade de se aproximar da comunidade ortodoxa, reconhecendo suas qualidades e, mais ainda, estabelecendo relações fraternas e cordiais com seus membros.

Tendo recebido a Ordenação episcopal a 19 de março de 1925, em Roma, iniciou o seu ministério na Bulgária, onde permaneceu até 1935. Visitou as comunidades católicas e cultivou relações respeitosas com as demais comunidades cristãs. Atuou com grande solicitude e caridade, aliviando os sofrimentos causados pelo terremoto de 1928. Suportou em silêncio as incompreensões e dificuldades de um ministério marcado pela táctica pastoral de pequenos passos. Consolidou a sua confiança em Jesus crucificado e a sua entrega a Ele[[3]](#footnote-3).

Sua abertura aos não católicos não parou na Bulgária. Em 1934, sendo nomeado como delegado apostólico na Turquia e na Grécia, sua abertura e diálogo com os ortodoxos e muçulmanos se destacaram.

Vale também ressaltar que, estando ainda na Grécia, desenvolveu um belíssimo trabalho de notícias sobre os soldados que estavam na guerra (Segunda Guerra Mundial), como também salvou inúmeros judeus da perseguição nazista.

Um ano antes do fim da guerra, em 1944, Pio XII nomeou Ângelo para ser núncio apostólico em Paris. “Sua nomeação teve a intervenção direta do pró-secretário de Estado, Monsenhor Montini”[[4]](#footnote-4), futuro Paulo VI. Tornou-se cardeal aos 53 anos de idade e, depois, enviado como patriarca de Veneza.

Com a morte de Pio XII, o conclave, pensando num pontificado de transição sem muitas mudanças na vida da Igreja, elegeu Ângelo Roncalli, aos 77 anos, como sucessor de Pedro, assumindo o nome de João XXIII.

Ao assumir o ministério petrino, o “papa bom”, como ficou conhecido, três meses após sua eleição comunicou, no dia 25 de janeiro de 1959, a futura realização de um Concílio Ecumênico no Vaticano. Certamente um verdadeiro *aggiornamento* não apenas nas estruturas pastorais, mas também no diálogo ecumênico. “O Concílio Vaticano II preocupou-se bastante com o ecumenismo. Desse ponto de vista, nos anos que se seguiram houve fases diversas de progressos e de recuos”[[5]](#footnote-5).

Ainda em 1959, João XXII chamou a atenção para um diálogo com os Ortodoxos, desejando, assim, colocar um fim no Cisma do Oriente: “Não faremos um processo histórico. Não procuraremos ver quem tinha razão e quem estava errado. As responsabilidades são partilhadas. Diremos somente: reunamo-nos! Acabemos com as discussões”[[6]](#footnote-6).

Foi também neste mesmo ano que mandou tirar da liturgia da Sexta-feira Santa o adjetivo “pérfidos” que se encontrava na oração pelos judeus. Tal mudança foi vista como uma grande abertura ao diálogo e aproximação para com os, até então, irmãos separados.

Para fomentar mais ainda a aproximação entre os cristãos e permitir a participação das outras Igrejas nos trabalhos do Concílio, João XXIII criou em 1960 o Secretariado para a União dos Cristãos.

No dia 11 de outubro de 1962 deu-se a abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, dando para a própria Igreja a oportunidade de se abrir e dialogar com todos aqueles que confessam a mesma fé. Por isso, para o próprio Concílio, o Papa “emitiu um convite cordial aos fiéis das comunidades separadas para participarem conosco nesta busca da unidade e da graça”[[7]](#footnote-7).

É o Ecumenismo sendo, de fato, assumido pelo Concílio. No fim da primeira sessão, em 8 de dezembro de 1962, já muito doente, o “papa bom” continuou a encorajar o prosseguimento do Concílio. Morreu no dia 3 de junho de 1963.

1. **O Apóstolo andarilho**

No mesmo ano, no dia 21 de junho, foi eleito para a cátedra de Pedro Paulo VI (Giovanni Battista Montini), que “dissipou qualquer dúvida que poderia existir sobre a continuidade do Concílio”[[8]](#footnote-8). Anunciou a retomada do Concílio para o dia 29 de setembro. Uma das primeiras novidades introduzidas por Paulo VI no Concílio foi a criação de um secretariado para as religiões não cristãs.

Segundo filho de Giorgio e Giuditta Alghisi, Giovanni Battista Montini nasceu em Concesio, perto de Bréscia, a 26 de setembro de 1897. De 1903 a 1915 frequentou a escola primária, o ginásio e parte do liceu no colégio Cesare Arici, mantido em Bréscia pelos jesuítas, concluindo os estudos secundários no liceu estatal municipal em 1916. [...]. No Outono do mesmo ano entrou no seminário de Bréscia e quatro anos depois, a 29 de maio de 1920, recebeu na catedral a ordenação sacerdotal do bispo Giacinto Gaggia. Depois do Verão transferiu-se para Roma, onde frequentou os cursos de filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana e de letras na universidade estatal, formando-se mais tarde em direito canónico no ano de 1922 e em direito civil em 1924. Entretanto, depois de um encontro com o substituto da Secretaria de Estado Giuseppe Pizzardo no mês de outubro de 1921, foi destinado ao serviço diplomático e durante alguns meses de 1923 trabalhou como adido na nunciatura apostólica de Varsóvia. [...]. A 1 de Novembro de 1954 foi nomeado arcebispo de Milão. Durante a guia da Igreja ambrosiana comprometeu-se profundamente no plano pastoral, dedicando uma atenção especial aos problemas do mundo do trabalho, da imigração e das periferias, onde promoveu a construção de mais de cem igrejas. Foi o primeiro cardeal a receber a púrpura de João XXIII, a 15 de dezembro de 1958, e participou no concílio Vaticano II, no qual apoiou abertamente a linha reformista. Quando Roncalli faleceu, a 21 de junho de 1963 foi eleito Papa e escolheu o nome Paulo, com uma referência clara ao apóstolo evangelizador[[9]](#footnote-9).

Em 1964, o Papa fez uma peregrinação à Terra Santa, encontrando-se com o Patriarca grego Atenágoras. Durante a terceira sessão do Vaticano II, foi aprovado o decreto *Unitatis redintegratio*, sobre o Ecumenismo, que, trazendo toda uma espiritualidade e abertura ao diálogo com os outros cristãos, reconheceu também o valor do Movimento Ecumênico nascido antes mesmo do Concílio e que fora condenado por Pio XI: “este Santo Sínodo exorta aos fiéis católicos a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solicitamente participem no trabalho ecumênico”[[10]](#footnote-10). Ainda em 1964, na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, Paulo VI realizou uma celebração com os irmãos não católicos.

Em 1965, um dia antes do encerramento oficial do Concílio Vaticano II, foi lida em Roma e, ao mesmo tempo em Istambul, pelo Patriarca Atenágoras, a declaração que colocava o fim nas excomunhões mútuas ocorridas no Cismo do Oriente.

O evento mais palpável e dramático a este respeito ocorreu a 7 de dezembro de 1965, na véspera da conclusão formal do concílio. O bispo Johannes Willebrands, do Secretariado, subiu ao púlpito de São Pedro e leu em francês a declaração conjunta do Papa Paulo VI e do Patriarca Atenágoras de Istambul, levantando as excomunhões de 1054 que tinham dado origem ao Grande Cisma do Oriente. A declaração continha a promessa de trabalharem para restaurar a plena comunhão entre as Igrejas[[11]](#footnote-11).

Vale lembrar também a viagem do Papa Paulo VI à ONU no 4 de outubro de 1964, quando o pontífice expressou sua alegria de encontrar-se com os representantes dos povos e suas diversidades. Faleceu em 6 de agosto de 1978.

Hoje, após um pouco mais de 50 anos depois do Concílio sabe-se que ambos os papas do Concílio Vaticano II deram à Igreja a coragem, o incentivo e os princípios para a reflexão sobre a unidade dos cristãos; uma abertura ao diálogo ecumênico que, ao longo de muitos anos, fora esquecido ou até mesmo combatido. Agora, com João XXIII e Paulo VI, na perspectiva do Vaticano II, os fiéis das outras denominações não são mais vistos como “inimigos” ou “hereges”, mas sim como irmãos.

**Conclusão**

Hoje não podemos mais falar de evangelização sem levar em conta o convívio com os irmãos e irmãs de outras denominações cristãs. Olhando para a história vê que Movimento Ecumênico iniciado pelos Protestantes e o Concílio Vaticano II convocado pelo Papa João XXIII são exemplos claros da abertura de ambas as Tradições para o diálogo, o respeito e a convivência harmoniosa.

Ao longo da história, homens e mulheres, impulsionados pela força do Evangelho, trabalharam pela busca da Unidade na diversidade, testemunhando que as diferenças existentes nas religiões não são motivos e justificativas para rivalidades, brigas, discórdias e conflitos entre os cristãos e também com aqueles que não são cristãos. E sem dúvida pode-se dizer que João XXIII e Paulo VI foram e ainda são para os dias atuais testemunhas autênticas de que os cristãos professam a mesma fé em Jesus, ainda que com caminhos diferentes. É precisamente essa fé que deve impulsionar todos os cristãos para uma verdadeira mudança da sociedade, transformando as realidades de sofrimentos, de injustiças, exclusões e mortes que persistem, maculando a vida e a dignidade dos filhos e filhas de Deus. E essa mudança está entrelaçada também com a busca pela Unidade dos cristãos,

A voz desses dois grandes homens que deram a vida pelo Evangelho, ainda hoje ressoa nas estruturas da Igreja, pois não se pode admitir um retrocesso do brilhante caminho já percorrido no diálogo com os fiéis e líderes cristãos.

Embora seus nomes e imagens sejam atacados por grupos ultraconservadores, eles continuam sendo personagens marcantes da história, mas não como uma história de museu que guarda coisa antiga, mas sim como exemplos que impulsionam a todos que, olhando para o Cristo, redescobrem que “somos todos irmãos” (Cf. Mt 23, 8).

**Referências**

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Decreto *Unitatis Redintegratio***. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Do jornal L'Osservatore Romano, edição em português, n.43 de 23 de outubro de 2014. **Perfil biográfico de Paulo VI***.* Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html>. Acesso em: 09 Mar 2021.

JOÃO PAULO II, Papa. **Biografia de João XXIII.** Disponível em: <https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html>. Acesso em: 09 Mar de 2021.

MONDONI, Danilo. **E os cristãos se dividiram:** Das reformas ao Vaticano II. São Paulo, Loyola: 2015.

O´MALLEY, John W. **Quando os bispos se reúnem:** um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II.

SESBOUÉ, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. **História dos Dogmas:** Os sinais da Salvação: Séculos XII – XX. São Paulo: Loyola, 2013, t.3.

SOUZA, Ney. **História da Igreja:** Notas introdutórias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

1. João Paulo II, Papa. *Biografia de João XXIII*. Disponível em: <https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html>. Acesso em: 09 Mar de 2021. [↑](#footnote-ref-1)
2. SOUZA, Ney. *História da Igreja:* Notas introdutórias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, p. 360. [↑](#footnote-ref-2)
3. João Paulo II, Papa. *Biografia de João XXIII*. Disponível em: <https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html>. Acesso em: 09 Mar de 2021. [↑](#footnote-ref-3)
4. SOUZA, Ney. Op. Cit. 2020, p. 361. [↑](#footnote-ref-4)
5. SESBOUÉ, Bernard; BOURGEOIS, Henri; TIHON, Paul. *História dos Dogmas:* Os sinais da Salvação: Séculos XII – XX. São Paulo: Loyola, 2013, p. 455, t.3. [↑](#footnote-ref-5)
6. MONDONI, Danilo. *E os cristãos se dividiram:* Das reformas ao Vaticano II. São Paulo, Loyola: 2015, p. 181. [↑](#footnote-ref-6)
7. O´MALLEY, John W. Quando os bispos se reúnem: um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II. p. 111. [↑](#footnote-ref-7)
8. SOUZA, Ney. Op. Cit. 2020, p. 362. [↑](#footnote-ref-8)
9. Do jornal L'Osservatore Romano, edição em português, n.43 de 23 de outubro de 2014. *Perfil biográfico de Paulo VI.* Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html>. Acesso em: 09 Mar 2021. [↑](#footnote-ref-9)
10. UR 4. [↑](#footnote-ref-10)
11. O´MALLEY, John W. Op. Cit. 2020, p. 112. [↑](#footnote-ref-11)